

**12 DIAS EM SODOMA**

**UARLEN BECKER**

**SALVADOR  
2004**

*Texto distribuído através do site [www.oficinadeteatro.com](http://www.oficinadeteatro.com) - Para montagem ou uso comercial, entrar em contato com o autor ou detentor dos direitos autorais através do telefone (71) 3261-2037/ 8744-2321 ou pelo endereço [uarlenbecker@gmail.com](mailto:uarlenbecker@gmail.com)*

## **12 DIAS EM SODOMA**

**Uarlen Becker**

*A luz vai crescendo e ilumina um carrinho de vender café. Ele se move sozinho. Música ensurdecidora. Um homem corre para pegá-lo. Olha para o público e assusta-se. Põe-se a pensar. Ouve-se o início de uma história. O homem, que se chama João, faz um sinal e a narração cessa.*

João - Nada disso. Hoje quem conta a história sou eu. Eu! Eu sei de tudo. E mais um pouco. Eu sim, sou esperto, muito esperto. Cresci aqui, entre montes de prédios, montes de carros, fumaça, gritos, corre-corre, buzinas, enfim, tudo o que está contido numa cidade grande e com pessoas civilizadas. Podem me chamar simplesmente de M. E eu quero que esta seja uma história excitante. Lembro de meu padrasto, que era cristão, contando para mim histórias sobre as cidades de Sodoma e Gomorra. Sodoma e Gomorra. Onde tudo era permitido, terra sem lei. Crimes, roubos, sodomia. E ele dizia que nós vivemos numa Sodoma. E eu achei aquilo incrível, nós vivemos numa Sodoma. Nós vivemos numa Sodoma.

João - Estão vendo essa lojinha aqui atrás? Pois é. Eu escolhi este local para vender café. Essa é uma lojinha que vende roupa pra gente gorda. Mas eles dizem que são roupas especiais para pessoas especiais, pode?

João - Aqui eles me verão mais rápido. Pois um dia eu estava botando café na garrafa, e o café estava tão quente, eu estava com muita pressa, e o café tão quente, e eu com muita pressa e o café tão quente e eu com muita pressa e o café acabou derramando e queimou minhas mãos. E com o susto e a dor eu deixei cair a garrafa de café, que se espatifou no chão. Eu ainda corri para tentar pagá-la, mas só consegui pegar um caco do vidro que revestia internamente a garrafa térmica e me cortei. (Um tempo.) Pela primeira vez eu vi meu próprio sangue. O sangue: A vida. Instantaneamente lembrei-me da morte. Lembrei-me do Ivan e seus cabelinhos loiros. Tinha apenas seis anos, o Ivan e

seus cabelinhos loiros. Tinha apenas seis anos, o Ivan. Brincava um pouco distante de sua casa com um carrinho de garrafinha plástica cheia de terra.

João - Então o homem veio e lhe ofereceu quatro reais para o pobre Ivan ajudá-lo a ir acender velas para São Jorge. Caminharam por quase uma hora e na beira de uma praia deserta, o homem tentou beijar o menino, que resistiu. Ele tentou mais uma vez, o menino relutou, não permitiu, então o tal homem pegou uma pedra do mar, azul, linda, e se viu obrigado a bater na cabeçinha do Ivan, que desfaleceu. Então o homem... (Gesto de abaixar as calças. Pára). É, isso mesmo, ele fez. Em seguida apertou com bastante força o... (Põe as mãos no próprio pescoço.) Isso mesmo. Foi fácil apertar aquele pobre pescoço fino e macio. Depois enterrou o corpinho do pobre Ivan na areia. Dias depois, turistas falando alemão, francês e Inglês sentiram um forte cheiro e chamaram a polícia. E o resto... Bem, o resto é fácil imaginar.

João - A velhinha do cento e um quando viu a notícia pela TV botou uma mão na testa, outra no peito e falou. “Misericórdia, piedade senhor, é o fim do mundo, onde nós vamos parar”? Que maldade fazer isso com uma criancinha!

João - Eu pergunto: E se fosse com um adulto, seria menos maldade?

João - O homem lembrou que já era tarde, noite avançada, chegaria na hora exata que seu padrasto estaria lendo em voz alta as Escrituras Sagradas e ele não admite interrupções. O homem com certeza apanharia do padrasto. Com vinte e um anos de idade.

João - O velhinho de cento e um falou para a esposa, a velhinha do cento e um: “Minha opinião todo mundo já sabe, era cortar o pênis e os polegar e dar tudo pros cachorro comer, depois meter bala no safado que fez isso com o pobre menino.”

João - Tão ingênuo, o velhinho do cento e um. Imagine se a nossa República iria cometer esse abuso, esse acinte contra os direitos humanos! República e leis e sistemas que ele próprio, o velhinho do cento e um ajudou a criar! E reclama de quê? O pai do menino Ivan, deu no rádio, jornal e TV, o pai do Ivan se entregou a bebida e todas as noites bate com a cabeça na parede, tentando dormir e esquecer a imagem do filho, no dia do reconhecimento. A hora em que o pai desesperado saiu do IML foi flagrada pelas lentes das câmeras dos telejornais, todos correram pra ver, e acharam absurdo, mas no outro dia esqueceram. Faço questão de lembrar.

João - A empregada dos velhinhos do cento e um disse: Isso acontece com quem não tem Jesus no coração, vai ver ele tava com o Diabo no corpo.

João - Com o diabo no corpo ou não, aquele homem era amante de literatura e naqueles dias lia lindos poemas e ouvia lindas canções. Recitava baixinho o poema Auto do Frade do João Cabral:

Eu sei que no fim de tudo  
Um poço cego me fita.  
Difícil é pensar nele  
Neste passeio de um dia,  
Neste passeio sem volta  
(meu bilhete é só de ida)  
Mas, por estreita que seja,  
Dela posso ver o dia,  
Dia Recife e Nordeste  
Gramática e Geometria,  
De beira-mar e Sertão  
Onde minha vida um dia.

João - Era o quinto dia. Após a morte, o jovem rapaz saiu com alguns colegas para uma higiene mental, foi a uma boate. Pela segunda vez experimentou cocaína. Cheirou bastante, como também cheirou o pescoço de duas moças ao mesmo tempo atrás das árvores na boate, curtiu muito, ele também era homem, ele sabia das coisas, sabia aproveitar a vida, escornado sobre um vaso sanitário do banheiro feminino, ele viu o sol nascer, e foi embora para casa, perdido dos colegas de boate, cheirando a álcool e sexo animal. Na rua deserta, um menino caminhava sozinho, indo pra escola, segurando numa mão os livros sebertos e na outra um saquinho desses de supermercado com um pão e duas bananas, a merenda do pobre coitado. O rapaz enfiou uma das mãos no bolso da calça, ou enfiou as duas, eu não lembro bem, e sacudiu algumas moedinhas. A criança olhou e sorriu ternamente.

*(Apenas com gestos: aproxima-se da criança, acena, mostra as moedas, insiste, chama o menino. Somente com gestos: Tenta beijá-lo, a criança resiste, aplica-lhe um soco com bastante força, a criança cai desfalecida.).*

João - Depois de tudo consumado, voltou para casa e jogou-se na cama. Eu não me recordo muito bem, teria ele demorado a dormir? Agora lembro, acordou e já era noite. Ainda lépido e naturalmente foi até a área de serviço, botou o facão do padraço numa

sacola, retornou ao local onde estava o corpo, agora já era *o corpo* do garoto, que ainda segurava em definitivo os livros. Agarrado ao conhecimento e à sabedoria.

João - Saiu nos jornais, na televisão, deu no rádio: Criança estuprada, estrangulada, teve a cabeça decepada por maníaco.

João - E ele foi ao enterro. (Canta uma música própria desse evento.) Olhou a face desolada da mãe do garoto. Uma velhinha lhe oferecia chá, provavelmente... Não consigo lembrar do cheiro, apenas do caixão fechado. Dizem que a mãe, dona Firmina de Jesus, viu o filho pela TV, a identidade nas mãos de um repórter sanguíneo.

João - O balconista de um bar, limpando seu velho balcão, revoltado, disse isso é um absurdo. Que mundo é esse? Um homem que tomava sua cervejinha diária berrou que tem que caçar e matar o filho da puta que fez isso. Nem deu ouvidos ao rapaz que tentava lhe vender uma porção de amendoim cozido como tira-gosto. O velhinho do cento e um disse todo mundo já sabe minha opinião, devia pegar esse marginal, fazer a mesma coisa com ele, só que com um cabo de vassoura, depois arrancar os olhos dele e jogar ele numa jaula com leões, se ele conseguir escapar, ele tá livre. A empregada, assistindo o anúncio da novela, disse eu entrego tudo a Jesus, e sorriu quando o galã beijou a atriz principal.

João – Estamos no nono dia! Os jornais e telejornais esqueceram rapidinho as outras notícias, pois o maníaco, o monstro rendia mais, muito mais. Monstro!, gritava a capa da revista. Monstro a solta!, berrava a capa da outra. Maníaco pelas ruas!, alardeava a terceira. Quem conseguiria vender mais? O apresentador do telejornal da nação franzira as sobrancelhas e na outra notícia, logo em seguida, sorria ternamente. O maníaco, o monstro, sentado num banco de ônibus, via flashes de seus crimes. E sentiu uma vontade carnal.

João – Décimo primeiro dia. Passou tão rápido, não? Ele estava no quarto de um garoto e uma garota de programa, sua mesada. O rapaz apenas estudava, dali há dois anos seria médico, um excelente ginecologista como o pai, era o sonho da mãe, mas naquele momento ele se entregava aos saborosos prazeres da carne entre um homem e uma mulher. Acariciava o piercing no umbigo dela, que seria uma futura jornalista. Mas foi interrompido pelo padrao, sempre ele, a tirar-lhe os momentos de prazer. O coroa reclamava do som alto.

- Porra coroa, vai dormir m ais cedo, porra, me deixa em paz, botei o som alto pra você não escutar nossa conversa.

João – Para não ouvir os gemidos, deveria ter dito. A mãe fechou portas e janelas para os vizinhos. Mandou o rapaz e a moça embora, que só cobraram a metade do combinado. Ele com seu piercing no pênis. Sua mãe lhe mandou ter calma. Ele teve calma. Desculpou-se, beijou a mãe, cujos olhos se encheram de lágrimas. O padrasto deu as costas. As costas. E sentou-se no sofá. De costas. E foi ver TV. Sempre a TV!

João – O padrasto era um homem bom. Tinha três casas que ele alugava e que lhe davam certa segurança financeira, mas gostava de trabalhar. Um homem só é útil para a sociedade quando trabalha, dizia ele. Desligou a TV e foi ler a Bíblia. Trabalhava como motorista de ônibus, aturando o barulho do motor e aturando gente. Homem calvo e baixinho cumprimentava ternamente as pessoas e todas as semanas presenteava a mulher com flores. O rapaz usou um facão. Mas não conseguiu decepar a cabeça daquele cristão, ficou zozzo quando viu o sangue espirrar. A cabeça pendeu do lado direito do corpo, a mãe vinha do quarto, assustada que ficou com o barulho seco e abafado. Sua camisola tinha flores bordadas com linha azul e rosa. Não deu tempo sequer de abrir a porta e fugir, gritar, pedir socorro. Foi atingida pelo jarro com flores já murchas que o marido lhe presenteara.

João – Olhou-se no espelho, ajeitou os cabelos. Desceu pelo elevador mesmo, os pés deixando pegadas de sangue. Levou consigo a TV, a polícia pensaria que foi um assalto, mas no fundo ele queria mesmo ser pego. Esbarrou com o velhinho do cento e um que disse meu filho, não carregue tanto peso, senão vai ficar com problemas de coluna, como esse velho aqui. Ah, tão ingênuo o velhinho do cento e um...

João – Jogou a TV num monte de lixo na esquina, as pessoas desenvolvidas das cidades desenvolvidas jogam seus dejetos nas ruas. Foi dormir num hotel barato. Na ficha assinou Mônica, mas o atendente nem olhou.

João – Décimo segundo dia. Acordou bem cedo. Doze dias em Sodoma. Estava tudo planejado. Voltou para casa e pisou os pés apenas na garagem. Ninguém o viu entrar. O carrinho estava todo enfeitado. (Um tempo.) Enchi a última garrafa de café, tudo seria nos mínimos detalhes. O café estava muito quente e eu estava com pressa. O café acabou derramando e queimou minhas mãos. Com o susto e a dor eu deixei cair a velha garrafa que se espatifou e eu acabei me cortando e vi meu próprio sangue.

*(Um tempo. Assustado, ele olha para os lados. Vozes o perturbam. Tenta atender aos chamados. Pára. Pausa.)*

*João* – Saí rapidamente dali. O ponto tinha sido escolhido. Em frente a uma lojinha que vende roupas para pessoas gordas. Aquelas criancinhas eu mandei para o céu, para junto de Deus, para que elas não sofram como nós sofremos. Eu bebi o sangue delas para ficar jovem e bonito como elas. O vizinho que passeia bem cedo com seu cachorro me viu saindo da garagem. Sorri para ele e ele correu. Foi chamar a polícia. Não sabem da terça metade. Eu vou confessar tudo, só estou esperando por eles. (Olha para longe.) Não disse? Ai vêm eles, esses homens da Lei! O filme que eu mais gosto é “Sansão e Dalila”, porque conta a história verdadeira de um homem que perdeu toda a sua força e depois se recuperou. Já sinto saudades de minha mãe, de minha casa, de ver o movimento. Eu gosto de me disfarçar, me disfarcei assim. Foram doze dias aqui em Sodoma.

“E, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, Ele as condenou, estabelecendo para as pessoas ímpias um modelo das coisas que hão de acontecer.”

*(Faz uma imagem como de oração, a imagem transforma-se num policial que o algema e o leva.)*

Em algum lugar do passado eu me perdi. Só não lembro quando.

*João* – Eu sou maluco. Ninguém vai gostar dessa história, ninguém vai querer ler uma história de terror como essa. Ainda mais quando eu disser que essa foi uma história real que aconteceu lá no Brasil, digo, aqui no Brasil! O povo está cansado de histórias de matador, de perversidade! Vê se pode. Um escritor famoso como eu representando a própria história que escreveu. E chega de histórias de terror. Vou escrever uma história edificante, uma história para crianças, um conto infantil, um Andersen da vida.

Capítulo primeiro: uma criança e um gato. A criança atira um pau no gato!

**FIM**